

Estranhamento, alienação e reificação

uma análise da primeira e da última obras marxistas de Lukács

Estrangement, alienation and reification: an analysis of the first and last Marxist works of Lukács

Sávio Freitas Paulo*

Resumo

No presente texto foi discutida a abordagem lukácsiana da categoria do estranhamento, tanto a desenvolvida em *História e consciência de classe* (1923) como a apresentada em *Para uma ontologia do ser social* (1986). Primeiramente, foi analisada a forma como se articulam as categorias do estranhamento, da reificação e da alienação (e também da objetivação) na perspectiva do jovem Lukács. Em um segundo momento, foram apresentadas algumas críticas da tradição marxista dirigidas a HCC, com destaque para o texto autocrítico de Lukács, publicado mais de 40 anos após o lançamento do seu texto da juventude. Por último, foram caracterizados os principais contornos da teoria do estranhamento de Lukács apresentada no segundo volume de sua *Ontologia*, sendo destacadas as particularidades das formas assumidas pelo estranhamento na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: estranhamento; ontologia; *História e consciência de classe*.

Abstract

This text discusses the Lukacsian approach to the category of estrangement, both the one developed in History and Class Consciousness (1923) and the one presented in Ontology of Social Being (1986). First, we analyzed the way in which the categories of estrangement, alienation and reification (as well as objectification) are articulated in the perspective of the young Lukács. In a second moment, some criticisms of the Marxist tradition directed to HCC were presented, with emphasis on the self-critical text of Lukács, published more than 40 years after the launch of your youth work. Finally, we tried to characterize the main contours of Lukács' theory of estrangement, presented in the second volume of his Ontology, highlighting the particularities of the forms assumed by estrangement in contemporary society.

Keywords: *estrangement; ontology; History and Class Consciousness.*

* Doutorando em Economia pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF), mestre em Economia pela mesma Universidade. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Ontologia Crítica (GEPOC), ambos da UFF. Bolsista CAPES. E-mail: savio.freitas37@gmail.com.

Introdução

Na teoria de Marx, a categoria do estranhamento (*Entfremdung*)¹ é utilizada para representar a dinâmica incontrollável adquirida pelo trabalho em decorrência do processo de acumulação capitalista. É sabido que, desde a década de 1840, Marx evidencia seu interesse em compreender esse aspecto deformador da vida humana, o que pode ser notado, por exemplo, nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844 [2011]) e na *Ideologia alemã* (1846 [2007]). Contudo, é especialmente em *O capital* (2013; 2014; 2017) que as relações estranhadas e o autoestranhamento do ser humano serão explicados fundamentalmente pela lógica produtora de mercadorias, que opera o movimento autoexpansivo do valor.

A despeito da importância da categoria do estranhamento na explicação das diversas mistificações que plasmam o agir humano na sociedade do capital, é inegável que a tradição marxista, ao menos até a década de 1920, foi incapaz de oferecer um aprofundamento teórico dessa legalidade. Nesse sentido, destaca-se o célebre texto da juventude de Lukács, *História e consciência de classe* (1923 [2003])². Nessa obra precursora, Lukács resgata a categoria do estranhamento da teoria marxiana, buscando utilizá-la como chave explicativa para as reificações geradas na esfera produtiva, na esfera da circulação e mesmo nos mais diversos complexos da práxis humana que são orientados por um tipo de ideologia (ciência, política etc.).

Reconhecendo que *HCC* representa um marco metodológico para a tradição marxista, devemos ainda mencionar que não se trata de uma obra livre de problemas. De fato, o próprio Lukács reconhece em um texto autocrítico à sua obra da juventude (traduzido sob o título *Prefácio de 1967*) alguns dos principais equívocos teóricos que contaminaram os argumentos e as conclusões desse texto. Isso se explicitaria no caso da identificação mecânica entre a objetivação (*Gegenständlichkeit*) e o estranhamento, equívoco identificado como decorrente da incorporação acrítica de elementos da filosofia hegeliana em sua teoria. Como o velho Lukács destaca (2003a, p. 26), em sua obra da juventude todo ato de alienação (*Entäusserung*) incorreria em uma objetivação necessariamente *estranhada*. Nesses termos, a superação do estranhamento levaria necessariamente ao fim das objetivações.

Sabe-se que os limites teóricos e os deslizos filosóficos da obra da juventude de Lukács são em boa medida superados em sua obra da maturidade, *Para uma ontologia do ser social* (1984, 1986 [2012, 2013]), na qual o autor oferece uma teoria robusta e inovadora sobre o estranhamento.

Esse breve itinerário da abordagem lukácsiana sobre a categoria do estranhamento se deve ao fato de que este trabalho procura fundamentalmente perscrutar duas das principais obras do filósofo marxista húngaro, buscando evidenciar o desenvolvimento da compreensão do autor sobre o estranhamento, os efeitos deste sobre o ser social e a possibilidade de superá-lo. Para isso, as formulações de Lukács desenvolvidas em *HCC* sobre o estranhamento, a alienação e a reificação foram analisadas na próxima seção; na segunda seção analisou-se alguns dos principais elementos de *HCC*

¹ Neste texto optou-se por traduzir o termo alemão *Entfremdung* como estranhamento; já o termo *Entäusserung* foi traduzido como alienação. Assim, nas citações diretas em que foi adotado outro padrão de tradução para alienação e estranhamento, indicou-se entre colchetes qual termo aparece originalmente na versão em alemão.

² Doravante *HCC*.

contrapostos tanto por autores da tradição marxista como pelo próprio Lukács, no *Pre-fácio de 1967*; na terceira seção, investigou-se sobretudo o último capítulo da *Ontologia do ser social* (2013) – intitulado “O estranhamento” –, como forma de compreender em que medida Lukács altera sua posição teórica em relação aos escritos da juventude. Por fim, na seção conclusiva foram feitos alguns comentários como forma de sintetizar os contrastes da formulação lukácsiana sobre o estranhamento, comparando sua concepção da década de 20 com aquela desenvolvida nos anos finais de sua vida.

1. A primeira aproximação de Lukács com o complexo do estranhamento

A primeira obra marxista de Lukács impressiona pelo resgate de aspectos metodológicos essenciais da teoria de Marx e pela preocupação em fazer deles objeto de uma discussão necessária para a renovação da teoria e da prática comunista. É reconhecido que *HCC* pode ser compreendida como uma obra que estabelece a assimilação entre duas correntes teóricas que influenciaram a formação intelectual do jovem Lukács, culminando numa mudança radical de sua visão de mundo. De um lado estaria o romantismo anticapitalista presente na sociologia alemã, que contava com autores como Max Weber, Georg Simmel etc., muito influentes nos primeiros anos da formação de Lukács. Do outro lado estaria o marxismo, com o qual o autor se identifica sobretudo após a Primeira Guerra Mundial. Para Löwy (1990, p. 71), a dinâmica sobre a qual se estrutura o argumento de Lukács apresenta-se como uma rearticulação da problemática anticapitalista romântica, internalizadas em uma estrutura metodológica autenticamente marxista.

Como observa Barbosa (2007, p. 2), ainda durante a Primeira Guerra, Lukács contraria o irracionalismo e a hegemonia da epistemologia positivista, o que o leva a se compatibilizar com as ideias de Hegel. Além disso, Lukács adere à causa revolucionária nesse período, consistindo este um importante passo para a superação das tendências românticas presentes na sua antiga visão de mundo e para a sua consequente compatibilização com a teoria marxista. O fato é que *HCC* denota uma decisiva modificação da orientação teórica do jovem Lukács e, ao mesmo tempo, estabelece novos critérios para as formulações no interior da teoria marxista. O texto carrega um alto nível de reflexão crítica sobre concepções há muito estabelecidas em diversas áreas da investigação científica. Oldrini (2017, p. 115) avalia que a publicação de *HCC* foi capaz de modificar a atmosfera cultural dominante, ocasionando objeções em diversos círculos de estudiosos³. O próprio Lukács, em sua maturidade, reconhece que é inegável que sua análise do estranhamento tenha sido responsável por inserir essa problemática nas mais variadas investigações das ciências sociais:

³ Sobre isso, também Löwy (1998, p. 204) destaca que: “O impacto de *História e consciência de classe* mede-se primeiramente por sua influência detectada em escritos de autores tão diversos como Revai, Bloch, Mannheim, Horkheimer, Adorno, Benjamin, Sartre, Merleau-Ponty, Lefèbvre, Goldmann, Marcuse, Jakubowsky, Adam Schaff, Karel Kosik etc. Mede-se também pela controvérsia que provocou, atraindo críticas tempestuosas de inúmeros adversários: 1. de Kautsky, em nome da ortodoxia da velha social-democracia ‘marxista’; 2. dos dirigentes do *Komintern*, como Bukharin e, sobretudo, Zinoviev [...]; 3. dos dirigentes do PC Húngaro Rudas e Bela Kun; 4. do próprio *Pravda* [...]; 5. dos ideólogos do PC Alemão como Hermann Duncker, que denunciou a obra de Lukács como sendo idealista; 6. de filósofos soviéticos ‘oficiais’ como A. Deborin etc.”.

O que continua sendo importante, afinal, é que a alienação [Entfremdung] do homem foi conhecida e reconhecida como problema central da época em que vivemos, tanto pelos pensadores burgueses como pelos proletários, por aqueles social e politicamente de direita como pelos de esquerda. *História e consciência de classe* exerceu, assim, uma profunda influência nos círculos dos jovens intelectuais; conheço toda uma série de bons comunistas que foram conquistados para o movimento exatamente por esse motivo. Sem dúvida, a nova acolhida desse problema hegeliano-marxista por parte de um comunista também foi decisiva para que este livro exercesse uma influência muito além das fronteiras do partido (Lukács, 2003a, p. 23-24).

Partindo da elaboração teórica marxiana, especialmente daquela desenvolvida em *O capital*, Lukács pretendeu com *HCC* “tornar compreensíveis todos os fenômenos ideológicos a partir de sua base econômica” (Lukács, 2003a, p. 15). Nesse sentido, merece destaque o fato de o jovem Lukács, ainda nas primeiras décadas do século XX, ter dado papel central à dinâmica do estranhamento no interior de sua análise. Isso porque um de seus objetivos era apresentar uma compreensão das origens da consciência reificada que se apresenta no mundo do capital e, para além disso, propor saídas para essa situação. Contudo, a solução proposta pelo jovem Lukács se daria necessariamente pela ação política do partido, incumbido de elevar a consciência da classe trabalhadora e orientá-la em direção à emancipação. Veremos mais adiante as incorreções dessa formulação de Lukács – que inclusive foram reconhecidas pelo próprio autor, no *Prefácio de 1967*.

Vale destacar que um dos méritos de *HCC* é o de ter apresentado as implicações concretas da dinâmica posta pelo fetichismo da mercadoria em sua relação com o comportamento dos sujeitos a ela submetidos (Lukács, 2003, p. 194). O autor reconhece o mérito de Marx em desvelar a estrutura da mercadoria e compreender a reificação como originada da esfera econômica, análise que revela o “fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa, e dessa maneira, o de uma ‘objetividade fantasmagórica’”, ocultando a essência fundamental do processo de produção na sociedade capitalista: a relação entre os seres humanos (*ibidem*).

É verdade que sua investigação se desdobra para o “conjunto da vida social, nas suas manifestações políticas, culturais etc. à luz do fenômeno da reificação” (Löwy, 1990, p. 72). Lukács busca esclarecer que pela primeira vez na história da humanidade todas as esferas da sociabilidade estão submetidas às “leis naturais” da produção de mercadorias – ou ao menos tendem a isso (Lukács, 2003, p. 73). Isso torna evidente o fato de que o problema da reificação se apresenta como uma necessidade à manutenção “de todas as formas de objetividade e de todas as suas formas correspondentes de subjetividade na sociedade burguesa” (*ibidem*, p. 193). A reificação, portanto, expressa o caráter cristalizado da vida social adquirido pela dinâmica societária capitalista, que aparece aos sujeitos como a única capaz de possibilitar a atividade humana.

Assim, o jovem Lukács procura evidenciar os efeitos da reificação nas distintas esferas da sociabilidade. A ênfase de Lukács sobre a reificação na vida social parte, portanto, do reconhecimento do estranhamento gerado pela produção de mercadorias, refletido em todas as estruturas sociais “externas” à esfera da produção. Por isso sua análise recai sobretudo sobre a reificação que emerge nas áreas da investigação científica, na esfera jurídica e nas instâncias burocráticas, evidenciando que delas surgem

efeitos objetivos que visam garantir a manutenção de uma sociabilidade plasmada sobre a produção de valor, obstaculizando qualquer horizonte emancipatório da humanidade.

Lukács destaca que na sociedade capitalista a comunidade científica torna-se um aparelho a serviço da acumulação de capital, na medida em que o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos pesquisadores se encontra submetido à generalização da forma mercadoria, devendo, portanto, promover a expansão do valor. Em se tratando especificamente da ciência econômica, o pensador húngaro ressalta que Marx opõe-se a essa tradição do pensamento, pois compreende que os postulados da economia política representam “objetividades reificadas” sobre a vida econômica e social dos seres humanos (Lukács, 2003, p. 138). Para esclarecer essa questão, citando uma carta de Engels a Mehring, Lukács destaca que o agir dos seres humanos é plasmado por uma “falsa consciência”. Assim, é necessário reconhecer que todas as mistificações que brotam dessa teoria não são meras arbitrariedades, mas a “expressão mental da estrutura econômica e objetiva” (*ibidem*, p. 143). Isso indica que Lukács compreende que a “totalização” realizada pela ciência econômica está a serviço da burguesia⁴, e impõe uma coordenação imprescindível da sociedade como forma de garantir o movimento da produção de valor e mais-valor, ao mesmo tempo em que omite as verdadeiras interações que se apresentam na esfera do ser social.

Em conformidade com a racionalização de todas as etapas da produção – imposta pela dinâmica capitalista e postulada pela ciência econômica –, Lukács acentua que emerge paralelamente (e necessariamente) a isso “uma sistematização racional de todas as regulamentações jurídicas da vida” (*ibidem*, p. 216). O autor evidencia que o desenvolvimento da burocracia resulta numa adaptação específica do modo de vida e do próprio trabalho, garantindo que os pressupostos socioeconômicos gerais da economia capitalista possam ser efetivados em conformidade com as leis pré-estabelecidas (*ibidem*, p. 219). Como relembra Lukács, a especificidade burocrática exigida num Estado moderno é refletida na esfera do direito. Deste modo, a esfera jurídica também é contaminada pela reificação, pois se habilita tanto a “corresponder à situação econômica geral e ser sua expressão, mas também ser uma *expressão coerente em si mesma*” (Engels *apud* Lukács, 2003, p. 229, grifos no original). Para conseguir realizar tal proeza, a esfera jurídica passa a se deslocar cada vez mais da estrutura econômica, se limitando a oferecer “soluções” às demandas superficiais e imediatistas através de um sistema próprio de leis, atitude que contribui, implícita ou explicitamente, para a manutenção da sociedade capitalista.

Para não nos alongarmos na definição do estranhamento e de suas formas de manifestação apresentadas pelo jovem Lukács, apenas destacamos que o foco do autor

⁴ Como esclarece Duayer (2018, p. 5), posto que a realidade social é sempre representada, o problema surge na medida em que o conhecimento obtido pela ciência econômica retorna à prática. Isso significa que a “viagem de retorno” do abstrato ao concreto se refere ao “processo de síntese, de totalização, objetivo último da análise de qualquer ciência” (*ibidem*, p. 7). Por isso, a partir dos elementos obtidos no processo de abstração do concreto, deve-se inaugurar uma nova ontologia ou oferecer argumentos para ontologias correntes. O problema não é a ciência totalizar, mas a maneira como totaliza e a partir de quais categorias (*ibidem*). É necessário reconhecer, portanto, que “tais totalizações constituem ontologias com força social. Oferecem aos sujeitos a imagem, referendada pelo prestígio da ciência, por meio da qual se situam em suas relações recíprocas e com o mundo natural” (*ibidem*, p. 8).

é demonstrar o caráter estranhado do modo de produção capitalista, que omite a *processualidade* e obstrui as perspectivas emancipatórias, mobilizando (explicitamente ou não) os mais variados complexos ideológicos (como a ciência, a política etc.). Deste modo, não é um acaso que o pensamento empirista conceba os fatos imediatos como a representação mais cristalina da realidade. Com efeito, a essência do desenvolvimento capitalista “cristaliza-se no ‘fato’ sob uma forma que faz dessa rigidez e dessa alienação [Entfremdung] um fundamento da realidade e da concepção de mundo que é totalmente evidente e está acima de qualquer dúvida” (*ibidem*, p. 368).

Visto que a teoria do jovem Lukács também possui alguns aspectos teóricos problemáticos, devido sobretudo à hipóstase de categorias da filosofia hegeliana ao arcabouço da problemática do estranhamento e de sua superação, e sabendo que uma série de críticas e autocríticas foram dirigidas a essas concepções, passamos a analisar agora mais detidamente a repercussão das teses de *HCC* e a posição teórica tomada por Lukács pouco antes da publicação da *Ontologia*.

2. As principais incorreções de *HCC*

Certamente o texto mais adequado para enunciar os principais equívocos metodológicos e teóricos de *HCC* (bem como as consequências práticas desses postulados) trata-se da autocrítica à obra, escrita por Lukács em 1967. Há pouco mencionamos que Lukács parte das relações econômicas com o intuito de tornar compreensíveis os diferentes fenômenos ideológicos que plasmas a sociabilidade. No entanto, o autor reconhece que o argumento de se torna estreito, na medida em que uma compreensão adequada sobre o trabalho enquanto mediador da sociedade com a natureza é inexistente. Por isso, as conclusões revolucionárias ao marxismo sugeridas por Lukács permanecem “sem sua autêntica justificação econômica” (Lukács, 2003a, p. 16).

Essa falta de rigor metodológico, como aponta o autor, ao deformar o conceito da práxis, também corrompeu a concepção da práxis revolucionária, que “correspondia à utopia messiânica própria do comunismo de esquerda da época, mas não à autêntica doutrina de Marx” (Lukács, 2003a, p. 17). Lukács justifica essa incorreção (do trânsito da teoria à prática) pelo fato de ter analisado os fenômenos econômicos não tendo o trabalho como ponto de partida, mas sim as estruturas complexas da economia capitalista. Podemos dizer que a falta da compreensão ontológica sobre esse complexo o fez confundir a verdadeira relação entre teoria e prática e entre sujeito e objeto. Por isso, Lukács constata o idealismo contido na determinação reflexiva resgatada da filosofia de Hegel (da identidade entre sujeito e objeto). Em *HCC*, Lukács defendia que a classe trabalhadora se tornaria classe-para-si ao atingir um estado de sujeito-objeto idêntico, que só seria alcançável por meio da extirpação da consciência reificada, advinda da consciência adjudicada pelo Partido, movimento que, por sua vez, transformava-se em práxis revolucionária “como um simples milagre” (*ibidem*, p. 18).

Essa incompreensão sobre as determinações da práxis se deve à inexistência de uma formulação acurada sobre o pôr teleológico do trabalho (que só seria apresentada rigorosamente na *Ontologia*). Certamente, isso também contribui para que o jovem Lukács realize uma transposição acrítica do fundamento hegeliano referente à identidade entre objetivação e estranhamento, que se reflete em todo o seu texto da juventude. Assim, categorias como a da alienação, do estranhamento e da objetivação são

discutidas de forma problemática. De todo modo, cabe destacar que ao enfatizar que o ser humano representa o “nó e o fundamento das relações reificadas”, Lukács descobre, partindo de *O capital*, a problemática do estranhamento desenvolvida por Marx sobretudo nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, que, como se sabe, só seriam publicados quase dez anos após o lançamento de *HCC* (Goldmann *apud* Löwy, 1998, p. 219)⁵.

A respeito disso, o velho Lukács esclarece que o conceito de estranhamento utilizado em *HCC* incluía todo o tipo de objetivação, ou seja, o ato de alienar/ exteriorizar necessariamente seria ligado a uma objetivação estranhada. Nesses termos, a superação do estranhamento estava fadada a eliminar simultaneamente todo tipo de objetivação (Lukács, 2003a, p. 26). O autor destaca ainda que mesmo o termo reificação, estreitamente relacionado com o estranhamento, mas que não representa a mesma categoria no âmbito social ou mesmo conceitual, foi utilizado como sinônimo do estranhamento em algumas passagens de *HCC* (*ibidem*, p. 27).

Já em sua maturidade, Lukács percebe que a objetivação é inter-relacionada com o ato de alienar/ exteriorizar, sendo esse o par constitutivo do pôr teleológico do trabalho, base da existência do ser social. São incluídas como objetivações todas as formas humanas de expressão, “inclusive a linguagem, [que] objetiva os pensamentos e sentimento humanos” por meio de uma prévia ideação (*ibidem*, p. 27). O estranhamento surgiria, por sua vez, naquelas situações em que as objetivações passassem a assumir funções que colocam “a essência do ser humano em oposição ao ser, subjugam, deturpam e desfiguram a essência humana pelo ser social” (*ibidem*). O estranhamento, portanto, representa “uma variante especial que se realiza sob determinadas circunstâncias sociais” (*ibidem*, p. 46). Ao tratar do argumento presente na *Ontologia*, essa determinação será exposta com mais detalhes. Veremos que o estranhamento se apresenta na medida em que um aumento da complexidade do ser social (desenvolvimento das forças produtivas) atua rebaixando a personalidade individual, de modo que as objetivações postas pelo ato teleológico do trabalho aparecem como um subproduto estranho e não pertencente ao trabalhador.

Como indicado, todas essas incoerências contribuem para a deformação da prática revolucionária sugerida por Lukács, que se expressa em uma atribuição messiânica às direções partidárias dos movimentos comunistas. Em *HCC*, observa-se que o Partido Comunista ocupa a posição “histórica e clara da consciência de classe ‘possível’, o mais alto nível de consciência e de ação objetivadas sobre o plano da organização” (Löwy, 1998, p. 221). Assim, o Partido é considerado pelo jovem Lukács como o mediador necessário entre a história (negligenciada pela burguesia) e a consciência da classe trabalhadora. Löwy (*ibidem*, p. 216) também esclarece que a resolução das antinomias e das contradições do capitalismo caberia, para Lukács, ao proletariado revolucionário, pois este teria o “privilegio epistemológico” de compreender a totalidade – formulação que exhibe o mais elevado grau do messianismo autocrítico posteriormente. Isso porque o jovem Lukács compreende que a classe trabalhadora não seria

⁵ Contudo, cabe indicar que o próprio Lukács admite que o seu contato com os *Manuscritos de 1844*, na década de 30, foi crucial para a formação de uma compreensão adequada sobre a categoria do estranhamento, alterando profundamente seu entendimento sobre a alienação/ objetivação: “Com isso, desmoronavam definitivamente os fundamentos teóricos daquilo que fizera a particularidade da *História e consciência de classe*” (Lukács, 2003a, p. 46).

capaz de dissolver a estrutura capitalista por sua própria dinâmica, visto que a realidade só poderia ser transformada “com a ação do proletariado consciente, sujeito-objeto consciente da História” (*ibidem*).

Žižek (2003, p. 167) destaca que é de se esperar que a classe trabalhadora agindo espontaneamente só atinja uma consciência economicista e reformista. Contudo, a formulação presente em *HCC* nos mostra que somente através do papel “maieutico” desempenhado pelo partido seria possível a conversão da classe trabalhadora “de classe-em-si para classe-para-si”. Para Žižek, portanto,

o problema está na ideia de que a classe trabalhadora tem potencialmente a capacidade de atingir a consciência de classe adequada (e, conseqüentemente, que o Partido apenas desempenha um papel menor, “maieutico”, de possibilitar aos trabalhadores empíricos realizarem seu potencial), já que, assim, se *legítima* o exercício da ditadura do Partido sobre os “trabalhadores, baseada na sua compreensão correta de quais são seus verdadeiros potenciais e/ou seus interesses a longo prazo”. Em poucas palavras, Lukács está apenas aplicando à oposição falsa entre “espontaneísmo” e dominação externa do Partido a identificação especulativa de Hegel dos “potenciais internos” de um indivíduo na sua relação com seus educadores (*ibidem*, p. 173, grifos no original).

Resumidamente, percebemos que sobretudo dois aspectos devem ser sempre recobrados com cautela ao se deparar com as teses desenvolvidas em *HCC*. O primeiro é o que se refere ao trânsito do estranhamento às diversas esferas da sociabilidade, que carece de um embasamento mais bem estruturado no trabalho enquanto protoforma do agir humano. Só assim uma compreensão adequada sobre os fenômenos que se expressam no plano “extraeconômico” poderia ser realizada sem maiores incorreções. O segundo aspecto se refere a constatação salientada pelo próprio autor diversas vezes no *Prefácio de 1967*: a contaminação idealista proveniente das teses de Hegel, que é refletida em todas as conclusões sobre a organização da prática revolucionária desenvolvidas em *HCC*. É fato que todas essas categorias adquirem um contorno muito mais rigoroso na última obra lukácsiana. Por isso, passaremos ao tratamento da problemática do estranhamento desenvolvida na *Ontologia*, que evidencia um cuidadoso tratamento metodológico das determinações marxianas e a maturação intelectual do autor magiar.

3. A teoria do estranhamento do último Lukács

Como foi indicado, na *Ontologia* Lukács desenvolve uma teoria do estranhamento totalmente original, tendo como fundamento as elaborações marxianas. Como aponta Infranca (2018, p. 1), não é por acaso que a temática do estranhamento seja desenvolvida justamente no último capítulo da obra magna de Lukács, isso porque essa determinação da história humana contém em si “os três primeiros momentos constitutivos do ser social” (trabalho, reprodução e ideologia), analisados nos capítulos anteriores, que compõem o segundo volume dessa obra.

De início, é preciso compreender a separação que Lukács realiza entre o estranhamento, enquanto fenômeno geral que emerge em determinados momentos do processo de desenvolvimento do ser social, e os contornos adquiridos pelo estranha-

mento em cada uma das épocas históricas (os estranhamentos/formas de estranhamento). Como apresentam Bonente e Medeiros (2021, p. 108), na *Ontologia*, a categoria do estranhamento designa a contradição existente entre o incremento tendencial das forças produtivas e o fato desse potencial humanizador (visto que aciona o ininterrupto afastamento das barreiras naturais) provocar um efeito desumanizante, já que disso não decorre necessariamente uma elevação da personalidade humana; pelo contrário, muitas vezes esse processo acaba por deformá-la/rebaixá-la. Lukács compreende, contudo, que esse antagonismo geral pode se apresentar de inúmeras formas nos diferentes estágios do desenvolvimento do ser social. Assim, a depender das relações sociais vigentes, os estranhamentos “podem adquirir tanto formas como conteúdos diferentes nos diferentes estágios” (Lukács 2013, p. 582). Nesse sentido, a religião, por exemplo, seria uma das formas mais importantes e mais plásticas do estranhamento humano, mas estaria inserida no “contexto social global de todos os estranhamentos” (*ibidem*, p. 644), uma vez que o estranhamento é sempre acionado por uma determinação material/socioeconômica, podendo se expressar em diferentes complexos da sociabilidade.

A compreensão ontogenética de Lukács sobre essa categoria constitutiva do ser social passa por uma revisão do argumento apresentado sobretudo no capítulo da ideologia, a saber, a inter-relação entre o momento da objetivação e da alienação e como essa relação pode gerar o estranhamento. Essa formulação de Lukács porta ainda um grande valor filosófico, na medida em que aponta para uma solução ao “hegelianismo” contido nessa mesma concepção quando desenvolvida em *HCC*. O autor relembra que o pôr teleológico no processo do trabalho exige que sejam antecipados em pensamento os resultados da prática antes mesmo de sua efetivação (*ibidem*, p. 593). Assim, o autor procura demonstrar que os momentos de alienação e objetivação são inseparáveis. Lukács argumenta que como os objetos da natureza possuem apenas um ser-em-si, a utilização desses objetos em função de um devir-para-nós passa necessariamente pela elaboração cognitiva do ser humano sobre os processos daquela esfera do ser, como forma de realizar materialmente as objetivações desejadas – mesmo que as pessoas que realizam o processo não sejam capazes de perceber que é necessária essa prévia ideação para que surja qualquer efetividade. Percebe-se que toda objetivação desse tipo “constitui simultaneamente um ato da alienação do sujeito humano” (*ibidem*, p. 582-583).

Da existência desse ato unitário, Lukács mostra a conseqüente formação de uma generidade humana em-si, cujo desenvolvimento se deve pela compatibilidade e incompatibilidade com que os pores teleológicos vão sendo confrontados com a realidade (natural ou social) na geração de finalidades úteis. Essa espécie de “valoração” realizada no processo de desenvolvimento da humanidade é responsável por dar origem a uma generidade humana. Contudo, em decorrência da divisão do trabalho, tais objetivações do momento ideal (que consistem num desenvolvimento efetivo do gênero) tendem a levar necessariamente à uma deformação da personalidade humana. Isso ocorre quando os produtos dos pores teleológicos (e mesmo o caminho cognitivo que levou à objetivação destes) se apresentam de forma estranha aos seres humanos, que, por sua vez, veem sua reprodução compelida pela perda de controle sobre seus próprios corpos e capacidades mentais.

Com isso Lukács revela uma perspectiva que pode ser considerada como um dos principais elementos autocríticos à sua obra da juventude: a de que “o estranhamento é só um dos fenômenos da socialização” (Lukács, 2013, p. 620). Isso significa, nos termos do filósofo húngaro, que o estranhamento nunca pode ser considerado como a única objetivação da realidade humana. Lukács evidencia, a partir de sua elaboração da maturidade, que é de se compreender que o estranhamento só pode se originar da alienação, contudo é totalmente factível que esta possa existir e atuar sem produzir estranhamentos, na medida em que, enquanto determinação reflexiva da objetivação, consiste num processo indispensável à práxis humana (*ibidem*, p. 418)⁶.

Para Lukács o estranhamento é, portanto, fruto das relações socioeconômicas estabelecidas. Sobre uma base na qual o controle do processo de reprodução social escapa à maior parte dos seres humanos, o estranhamento surgirá como um fenômeno ideológico (enquanto uma abstração mais geral). É importante frisar que no âmbito da vida cotidiana do ser social somente se pode falar em estranhamentos concretos, decorrentes de uma estrutura econômica produtiva geradora do estranhamento (*ibidem*, p. 632-633). Lukács também adverte que um dos traços fundamentais do estranhamento é a processualidade, indicando que as formas histórico-específicas que ele assume em seu processo de desenvolvimento decorrem da inter-relação de três complexos: da personalidade singular, dos atos da vida social e da totalidade concreta. Nas palavras do autor:

o estranhamento de todo homem singular brota diretamente de suas inter-relações com a sua própria vida cotidiana. Esta é, no todo como nos detalhes, produto das relações econômicas imperantes em cada caso, e obviamente são estas que exercem as influências em última análise decisivas sobre os homens, também nos campos ideológicos (*ibidem*, p. 637).

Por isso, a superação de todas as formas concretas do estranhamento que atuam diretamente sobre os sujeitos da produção social é sugerida por Lukács, em termos gerais, através da possibilidade de suprássumi-lo em três planos distintos. Primeiramente, considerando que a forma mais imediata da relação estranhada se dá no âmbito da particularidade humana, o autor adverte que é necessária uma compreensão da situação estranhadora, de modo que a princípio seja realizada uma autocrítica da personalidade, na qual se perceba as relações sociais residentes nos objetos (*ibidem*, p. 657). Alegando a insuficiência de que uma superação “teórica” seja capaz de mudar a estrutura geratriz do estranhamento, é possível perceber que Lukács, em segundo lugar, destaca a necessidade de que o movimento de superação torne-se objeto de uma nova práxis social na vida cotidiana (*ibidem*, p. 646). Esses dois momentos, contudo,

⁶ Infranca (2018, p. 3-4) sustenta um argumento de que tanto a alienação como o estranhamento, na teoria de Lukács, teriam uma conotação negativa. O autor parece sugerir uma aproximação entre as formulações de HCC e da *Ontologia* sobre o estranhamento e a objetivação, ficando ausente a questão da impossibilidade de se acabar com o estranhamento caso toda alienação-objetivação fosse estranhada. O ponto de Lukács parece ser outro, na medida em que sustenta um irrevogável entrelaçamento entre alienação e objetivação na conformação do pôr teleológico do trabalho, tratando-se, portanto, de uma identidade da identidade e não identidade: “Se, em contraposição, apontarmos para a inseparabilidade ontológica desses dois polos correspondentes do ser social – justamente em sua heterogeneidade imediata –, fica claro que todo ato de objetivação do objeto da práxis é simultaneamente um ato de alienação do seu sujeito” (Lukács, 2013, p. 423).

só estarão completos e terão um espaço de atuação autêntico na superação do estranhamento se vinculados a uma modificação da forma como se organiza tal produção social desefetivadora.

Ao reconhecer esse intrincado processo no qual o estranhamento se efetiva, entranhando-se nos variados momentos que conformam a sociabilidade, Lukács destaca que, na sociedade do capital, quanto mais desenvolvido for o aparato ideológico produzido pelo capitalismo, maior será sua capacidade de “fixar mais firmemente tais formas de estranhamento nos seres humanos singulares” (*ibidem*, p. 626). Esses mecanismos agem no sentido de atravancar as possibilidades de desvelar um caminho de superação do estranhamento presente na sociedade moderna. Reconhecendo que o despertar do fator subjetivo consiste num “momento importante (todavia: apesar disso, apenas um momento) da preparação para a revolução”, é sintomático que o aparato mencionado cria entraves ao surgimento de uma luta revolucionária organizada pelos indivíduos na sociedade. Indo contra o despertar consciente das massas, mas também contra a reorientação da práxis em prol da modificação da estrutura econômica dominante, esses mecanismos ideológicos são enunciados por Lukács sobretudo através da constatação da reificação enquanto uma das formas predominantes do estranhamento atual – atuando no sentido de conformar a maioria dos momentos da práxis social ao imediatismo do capitalismo (através de uma espécie de automatização das ações individuais perante a realidade). Além disso o autor também evidencia a existência de um colossal aparato manipulatório, que obstaculiza o despertar crítico das consciências humanas contra o *status quo*.

Enquadrando o estranhamento em uma extensa fundamentação que atravessa todo o período da humanidade, Lukács é capaz de apresentar uma exposição sobre a categoria da reificação muito mais rica em determinações do que aquela de sua juventude, por mais que a ideia em torno de suas características e efeitos seja ainda compatível com a de HCC – certamente, se feitas as correções referentes à lógica hegeliana que impregna o argumento desenvolvido na obra da juventude.

Lukács destaca que Marx costumava utilizar a reificação para designar a “análise ontológica da coisidade” (*ibidem*, p. 661). O autor aponta que a formação de um conhecimento tendencialmente mais adequado sobre a natureza revela que a existência das coisas não é uma mera aparência, nem mesmo a simples manifestação de um fenômeno, trata-se de “uma forma de ser que sob certas circunstâncias faz desaparecer na imediatidade os processos fundamentais da natureza” (*ibidem*). É nesse sentido que o autor revela a existência de uma reificação de tipo espontânea, que se multiplica na vida cotidiana, mesmo nos atos mais simples (como o de ouvir música em um fone de ouvido, em que diversos processos não visíveis e não usualmente conhecidos são tidos como “naturais”, como sendo a própria coisa). Como destaca o autor, o processo civilizatório tende a produzir conhecimentos ininterruptos sobre a sociedade e a natureza, mas isso não significa que eles nos municiam contra o estranhamento, muitas vezes eles acabam por aumentarem o grau de reificação presente no agir:

Com efeito, quanto mais a vida cotidiana dos homens produzir modos e situações de vida coisificados – por enquanto ainda no sentido até aqui indicado –, tanto mais facilmente o homem da vida cotidiana se adaptará espiritualmente a elas enquanto “fatos da natureza” sem oferecer-lhes resistência espiritual-moral, e por essa via pode surgir em média – sem que, em princípio, isso vá necessariamente ocorrer – uma resistência atenuada contra

autênticas reificações que produzem estranhamento. As pessoas se habituariam a certas dependências reificadas e desenvolvem dentro de si – uma vez mais: possivelmente, em média, não de modo socialmente necessário – uma adaptação geral também a dependências que produzem estranhamento (*ibidem*, p. 664-665).

O ponto é que essa percepção coisificada da realidade se generaliza para a produção, para o comércio e para o consumo, que passam a ser realizados a partir de reflexos pré-condicionados, já que os processos que conformam o agir em sociedade se devem ao desenvolvimento da sociedade espontaneamente reificado. Assim, Lukács destaca que sobre a base do afastamento das barreiras naturais colocado em marcha pela humanidade “brota do intercâmbio de mercadorias, enquanto forma material-espiritual de reprodução da sociedade humana, a reificação propriamente dita, a reificação socialmente relevante” (*ibidem*, grifos adicionados).

Como enuncia Infranca (2018, p. 6-7), a aparição do estranhamento é condicionada pela perda de controle dos seres humanos sobre o processo de reprodução social. Na sociedade capitalista, isso revela que, ao nascer todos seres humanos estão condicionados a um processo que plasma as possibilidades do agir, que se reflete de forma diferente de acordo com a personificação econômica assumida por cada um no processo de ampliação do valor, ou seja, como capitalistas ou trabalhadores⁷. Essa ausência de controle sobre a própria vida é refletida na personalidade do ser social, constituindo o aspecto geral tomado pela reificação na sociedade moderna. Netto (1981, p. 80) sustenta que a reificação constitui a estrutura específica do estranhamento na sociedade burguesa já constituída, e decorre do fetichismo da mercadoria, tal como apresentado por Marx.

A reificação, portanto, como apresenta Lukács (2013, p. 688), age como produtora do estranhamento, e seus efeitos são necessários e apropriados para que se mantenha a dinâmica essencial da valorização, habilitando (e desabilitando) a práxis no interior da ontologia da vida cotidiana própria da sociedade capitalista. Deste modo, as mistificações ideológicas decorrentes do fetiche da mercadoria, se apresentam aos indivíduos “como se fossem modos de ser”. Ao perderem o aspecto *stricto sensu* ideológico (de figurar como possibilidade na resolução dos conflitos) e serem percebidas como determinações de natureza irrevogável, as reificações da sociedade do capital tornam-se necessárias para que os seres humanos consigam reagir e organizar sua vida em conformidade com seus próprios desejos, cujos limites postos pelo estranhamento atuam como reguladores (*ibidem*).

Todo o longo argumento de Lukács sobre o estranhamento e a reificação aponta para a existência de uma “era da manipulação” na contemporaneidade, cujos efeitos na vida cotidiana tornam-se cada vez mais nítidos, na medida em que são capazes de intensificar a reificação na consciência do ser humano. O autor sustenta que essas reificações deformam, portanto, toda a vida, incluindo o tempo livre dos traba-

⁷ “Nas sociedades desenvolvidas, o estranhamento é, portanto, um fenômeno social universal, que predomina entre os opressores assim como entre os oprimidos, entre os exploradores assim como entre os explorados. A possibilidade de realizações limitadas, isto é, de escapar de possibilidades de estranhamento que se limitam ao plano individual é, em princípio, bem mais restrita no capitalismo” (Lukács, 2013, p. 754).

lhadores. Netto, em acordo com a visão de Lukács – ainda que não houvesse incorporado a questão da manipulação no argumento desenvolvido na obra referenciada –, ilustra de que modo esse aparato se apresenta nas mais diversas esferas da sociabilidade:

É o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna administrado, um difuso terrorismo psicossocial se destila de todos os poros da vida e se instila em todas as manifestações anímicas e todas as instâncias que outrora o indivíduo podia reservar-se como áreas de autonomia (a constelação familiar, a organização doméstica, a fruição estética, o erotismo, a criação dos imaginários, a gratuidade do ócio etc.) convertem-se em limbos programáveis (Netto, 1981, p. 81).

Lukács procura chamar a atenção para uma forma de existência que vem se acentuando durante todo o século XX. Na medida em que algumas “vitórias” mais imediatistas da classe trabalhadora se apresentam (como no caso do aumento dos salários e do tempo livre), surge um desenvolvimento capaz de aniquilar alguns dos estranhamentos antigos, mas que acaba por substituí-los por estranhamentos de novo tipo. Presos às respectivas particularidades, os seres humanos se veem cada vez mais submetidos a um aparato próprio do capitalismo moderno: uma série de manipulações econômicas, sociais e políticas que, explícita ou veladamente, são necessárias para “acorrentar o ser humano à sua particularidade” (Lukács, 2013, p. 797). Nesse sentido, a publicidade moderna – que desperta um impulso ilimitado ao consumo –, o consumo de luxo etc. se apresentam como mecanismos imprescindíveis para a conformação das subjetividades sob a lógica da concorrência capitalista. Como resultado disso instaura-se um estado anêmico dos explorados perante uma realidade recheada de reificações, sendo esta ainda balizada pela ciência neopositivista dominante (que ignora o caráter processual da realidade) e por todas as demais ideologias hegemônicas destinadas à manutenção do *status quo* (religião, política etc.) – sobre as quais não poderemos entrar em maiores detalhes, tendo em vista a ampla dimensão desse debate.

Todas essas determinações relacionadas ao fetichismo da mercadoria, e que aqui foram sucintamente descritas, evidenciam a enrascada na qual o capitalismo contemporâneo reificador coloca a humanidade, obstando as possibilidades de superação do em-si estabelecido e, conseqüentemente, impedindo que uma generidade para-si se desenvolva. De todo modo, Lukács busca indicar caminhos para a superação das reificações modernas e para o estranhamento indissociável ao capitalismo. Partindo daquela compreensão descrita acima, de que é preciso uma alteração radical nos três planos que conformam a sociabilidade (personalidade singular, atos da vida social e totalidade concreta) para que um enfrentamento efetivo contra a lógica do valor se estabeleça, seria necessário que a base econômica fosse alterada através de uma revolução social, organizada em torno das ideologias, mais precisamente, de uma luta ideológica. Com isso Lukács resgata a ideia leniniana de que a organização revolucionária exige um aparato ideológico adequado, capaz de mobilizar as subjetividades e proporcionar uma alteração da práxis num sentido contrário à lógica produtiva estabelecida, que, por sua vez, domina todos os aspectos da vida humana.

O que Lukács assume com essa ideia é a necessidade em fazer renascer o marxismo enquanto ideologia capaz de apresentar soluções aos problemas da sociedade, bem como a importância de sua difusão. Para o autor, os movimentos espontâneos de revolta/indignação contra o estado de coisas atual apenas conseguirão dirimir formas

específicas de reificação, mas nunca serão capazes de acabar com o estranhamento. Nesse sentido, caberia ao “marxismo autêntico” incorporar na organização e nas lutas revolucionárias os conhecimentos científicos, artísticos, filosóficos, políticos etc. comprometidos com a superação do modo de produção vigente – revelando uma diferença em relação à posição messiânica atribuída ao Partido em *HCC*. Aprofundar nessa temática não está no escopo dos objetivos deste texto. Cabe mencionar apenas que, na visão de Lukács, esse renascer do marxismo enquanto ideologia é indispensável para: i) despertar a consciência subjetiva contra o estranhamento e as reificações da sociedade moderna; ii) instituir uma práxis que contraria a dinâmica do valor; e, consequentemente, iii) contribuir para a consolidação de um modo de produção no qual as finalidades atendidas estão diretamente relacionadas às necessidades do gênero humano, e não à produção do valor enquanto fim em si mesmo.

Considerações finais

Todas as elaborações de Lukács sobre o estranhamento e seus efeitos na vida humana demonstram o amplo conhecimento do filósofo sobre as categorias marxianas e sobre a realidade capitalista na qual esteve inserido. Desde sua juventude, é nítida sua preocupação em desvelar as estruturas mistificadas que conformam a socialidade no interior do modo de produção capitalista. Contudo, é possível observar algumas diferenças dessa concepção em relação àquela desenvolvida na maturidade. O processo de amadurecimento filosófico de Lukács pode, por isso, ser mais bem caracterizado como um refinamento teórico de suas formulações no sentido de uma autêntica ontologia.

Sobre *História e consciência de classe*, cabe destacar o importante papel de Lukács em resgatar de Marx e trazer ao debate marxista a categoria do estranhamento, enunciando-a como uma das chaves explicativas do processo de dominação do capital sobre o ser social. Além disso, sua análise sobre a reificação evidencia uma série de complexos sociais que são compelidos a reproduzir uma dinâmica estranhadora na sociedade moderna, sendo que a ciência e a esfera jurídica são destacadas pelo autor por endossarem uma práxis acrítica, conformando e ampliando as reificações que plasmam o agir em sociedade. Não obstante, revela-se pela literatura concernente ao tema e pelas próprias notas autocríticas de Lukács, que as teses de *HCC* estariam contaminadas por aspectos próprios da lógica idealista hegeliana. De fato, isso contribuiu para que *HCC* apresente algumas incoerências filosóficas fatais para as conclusões sobre a práxis revolucionária. Lembremos das identidades entre estranhamento e objetivação e entre sujeito e objeto, fundamentações que autorizam o autor a propor uma embaraçosa solução para o problema revolucionário: a consciência da classe trabalhadora só poderia ser alcançada pelo Partido, que, como um *Geist* hegeliano, operaria a transformação da classe em sujeito-objeto da história, dando fim à pré-história da humanidade.

Na *Ontologia*, contudo, toda essa investigação sobre o estranhamento adquire contornos muito mais robustos. O fato é que, amparado por uma compreensão reveladora sobre a práxis do trabalho, as ideologias e a reprodução social, Lukács consegue expor a relação entre intrincados momentos da vida social de forma primorosa, que até o momento escapava das discussões no âmbito marxista. Nesse sentido, sua formulação da maturidade, além de afastar todos os aspectos filosóficos problemáticos

observados em sua juventude, nos prestigia com uma investigação zelosa sobre o estranhamento e as formas concretas por ele assumidas no capitalismo contemporâneo. Cabe aqui destacar sua fundamentação precisa sobre o pôr teleológico do trabalho que conforma uma identidade da identidade e não identidade entre alienação e objetivação, assumindo que esse ato pode de fato causar estranhamento, observadas as condições sociais nas quais os seres humanos atuam, i.e., quando o ato de alienar-objetivar constrange, se volta contra o próprio desenvolvimento da personalidade do indivíduo.

Além disso, evidenciando as formas atuais assumidas pelo estranhamento, Lukács revela uma acurada exposição sobre a reificação presente na práxis social e nos complexos ideológicos, bem como a existência de um sofisticado aparato de manipulação, indicando a dificuldade enfrentada pelas perspectivas emancipatórias no momento histórico em que escreve. Como solução à superação do estranhamento do ser humano, Lukács afasta a compreensão de que esse papel se deve exclusivamente ao Partido. Recordemos, ao analisar a complexidade do real, o autor destaca que o estranhamento conforma três momentos da vida social: a personalidade humana, a práxis e a totalidade econômica. Sendo assim, é a concatenação das formas ideológicas que conformam esses momentos do agir que devem ser reivindicadas pelo marxismo, de modo que as esferas que balizam o agir humano (arte, filosofia, política, ciência etc.) se transformem em um *front* de ataque ao estranhamento e ao modo de produção atual, possibilitando um novo direcionamento da prática dos sujeitos em direção à formação de uma generidade humana para-si.

Este trabalho buscou contornar os pontos centrais da formulação lukácsiana sobre o estranhamento, apresentando os principais contrastes teórico-metodológicos de sua concepção da juventude em relação à desenvolvida na maturidade. Para que se realize uma análise precisa da realidade atual, parece indispensável compreender a problemática do estranhamento. Ao que tudo indica, as tendências reificadoras e o aparato manipulatório nunca estiveram tão presentes como hoje, na “era da informação”. Por outro lado, mesmo passados mais de 50 anos desde a morte de Lukács, o pensamento marxista ainda se mostra incapaz de mobilizar adequadamente o aparato categorial necessário para a transformação do todo social. Nesse sentido, se Lukács nos ajuda a pensar uma solução para o estado de coisas desanimador que se apresenta, é necessário pensar formas de fazer o marxismo renascer novamente como ideologia.

Referências

- BARBOSA, Gláucia Tinoco. “Georg Lukács e a crítica metodológica à ciência sociológica alemã: Da escola de Heidelberg à *História e consciência de classe*”. In: *XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*, Guadalajara, pp. 1-15, 2007.
- BONENTE, Bianca Imbiriba; MEDEIROS, João Leonardo. “György Lukács (1885-1971)”. In: CALLINICOS, Alex; KOUVELAKIS, Stathis; PRADELLA, Lucia. *Routledge Handbook of Marxism and Post-Marxism*. Nova Iorque: Routledge, p. 103-110, 2021.
- DUAYER, Mario. “Marx: O Método da Economia Política como Crítica Ontológica”. In: *IX Colóquio Marx Engels*, Campinas, pp. 1-9, jul. 2018.
- INFRANCA, Antonino. “O estranhamento na *Ontologia do ser social*”. *Revista Novos Rumos*, Marília, v. 55, n. 1, pp. 1-12, jun. 2018.
- LÖWY, Michael. *A evolução política de Lukács: 1909-1929*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- _____. *Romantismo e messianismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.
- LUKÁCS, György. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. 1. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Para uma ontologia do ser social I*. 1. ed., São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- _____. *Para uma ontologia do ser social II*. 1. ed., São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- _____. “Prefácio de 1967”. In: LUKÁCS, György. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. 1. ed., São Paulo: Martins Fontes, pp. 1-61, 2003a.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- _____. *O capital: crítica da Economia Política*. Livro I. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- _____. *O capital: crítica da Economia Política*. Livro II. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- _____. *O capital: crítica da Economia Política*. Livro III. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- NETTO, José Paulo. *Capitalismo e reificação*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.
- OLDRINI, Guido. *György Lukács e os problemas do marxismo do século XX*. 1. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. “De História e consciência de classe a dialética do esclarecimento, e volta”. *Lua Nova*, n. 59, pp. 159-175, jan. 2003.

Recebido em 10 de julho de 2022

Aprovado em 11 de julho de 2022